

SOB AS BARBAS DO REDENTOR: ANÁLISE DA CANÇÃO “LAS MUCHACHAS DE COPACABANA”*

Rinaldo de Fernandes*
Universidade Federal da
Paraíba

RESUMO: O ensaio analisa as formas de expressão em tensão utilizadas por Chico Buarque que refletem o conteúdo da canção “Las muchachas de Copacabana” cuja temática é o conflito permanente da prostituta. O conflito “mundo de dentro” da prostituição x “mundo de fora” dela (mundo da família e dos conhecidos da prostituta). Assim, o BLOCO 1 traduz o “mundo de dentro”, e o BLOCO 2, o “mundo de fora”. No BLOCO 1 residem os motivos mais importantes da canção: a transformação do corpo da prostituta em objeto/produto, quando esta parte para as relações no “mundo de dentro”, e a aproximação do sentido de prostituta ao de nação do Terceiro Mundo. No BLOCO 2 o poeta, ao tratar da distância geográfica mãe x filha, está metaforizando a distância moral família x prostituta. Metaforiza ainda a migração no país.

Palavras-chave: canção; letra poética; Chico Buarque de Hollanda

ABSTRACT: The essay analyzes the forms of expression in tension used by Chico Buarque that reflect the content of the song “Las muchachas de Copacabana” whose thematic it is the permanent conflict of the prostitute. The conflict “world of inside” of prostitution x “world of it’s outside” (world of the family and the known ones of the prostitute). Thus, BLOCK 1 translates the “world of inside”, and BLOCK 2, the “world of outside”. In BLOCK 1 most important reasons of the song inhabit: the transformation of the prostitute body in object/product, when in relationships in the “world of inside”, and the approach of the prostitute meaning to the one of a Third World nation. In BLOCK 2 the poet, when dealing with the geographic distance mother x daughter, create a metaphore about the moral distance family x prostitute and about the migration in the country.

Keywords: brazilian song ; lyrics; Chico Buarque de Hollanda

A prostituta no *trottoir*, expondo o corpo/produto às atenções dos turistas, é do que, em linhas gerais, trata a canção de Chico Buarque “Las muchachas de Copacabana”, de 1985:

Se o cliente quer rumbeira, tem
Com tempero da baiana
Somos las muchachas de Copacabana

Cubanita brasileira, tem

* Ensaio recebido em janeiro de 2005

* Escritor, doutor em Letras pela UNICAMP e professor de literatura da UFPB. Organizador do livro *Chico Buarque do Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond, 2004)

5 Com sombreiro à mexicana
Somos las muchachas de Copacabana

“Mamãe,
Desculpa meus erro de caligrafia
Lembrança da filha

10 Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional”

Quer uma amazona, o gringo tem
15 Um domingo com a havaiana
Somos las muchachas de Copacabana

Se quer uma pecadora, tem
Uma loura muçulmana
Somos las muchachas de Copacabana

20 “Mamãe,
Pro mês eu lhe mando umas economia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
25 Tua filha na capital
É uma estrela internacional”

Atração da Martinica, tem
Uma chica sergipana
Paraguaia da Jamaica, tem

BLOCO 1
Estrofes I, II, IV, V e VII
Se o cliente quer rumbeira, tem
Com tempero da baiana
Somos las muchachas de Copacabana
Cubanita brasileira, tem

Com sombreiro à mexicana
Somos las muchachas de Copacabana
Quer uma amazona, o gringo tem
Um domingo com a havaiana
Somos las muchachas de Copacabana

Se quer uma pecadora, tem
Uma loura muçulmana
Somos las muchachas de Copacabana
Atração da Martinica, tem
Uma chica sergipana
Paraguaia da Jamaica, tem
Balalaica peruana
Corcovado em Mar del Prata, tem
Catarata de banana
Índia canibal, na certa tem
E é a oferta da semana
Somos las muchachas de Copacabana

BLOCO 2
Estrofes III e VI
Mamãe, Desculpa meus erro de caligrafia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional”
“Mamãe, Pro mês eu lhe mando umas
economia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional”

Vamos, de início, dividir o texto nos dois blocos
semânticos que, nitidamente, o compõem. São eles:

Tratemos, num primeiro momento, do BLOCO 1. Evidentemente, a questão da identidade das prostitutas, de uma “outra” identidade, aí tem destaque. Aparentemente, apenas como forma de o poeta fazer-nos ver que, de fato, a utilização dessa “outra” identidade torna-se um instrumento necessário para o objetivo principal das prostitutas: o de serem “bem sucedidas” no mercado do corpo, sem prejuízo de sua verdadeira identidade (aquela ligada ao ambiente familiar). Mas o trecho guarda ainda um outro sentido. Vejamos qual.

O poeta, ao dar um nome “de guerra” às prostitutas expostas na *vitrine* de Copacabana, não vai selecionando qualquer um desses nomes, em absoluto. Na verdade, as mulheres que aí desfilam são identificadas como “cubanita brasileira” (v. 4), “amazona” (v. 14), “havaiana” (v. 15), “loura muçulmana” (v. 18); e, principalmente, são identificadas como “atração da Martinica” (v. 27), “chica sergipana” (v. 28), “paraguaia da Jamaica” (v. 29), “balalaica peruana” (v. 30) ou “índia canibal” (v. 33). Está visto, portanto, que o poeta deseja dar um outro sentido a esses nomes “de guerra”. Deseja extrapolar o significado comumente dado a eles. E que sentido é esse? É aquele que aproxima prostituta de nação. Prostitutas/nações. Na segunda série acima, que faz parte da última estrofe

do poema, tirando-se o adjetivo “sergipana” (v. 28), todos os outros adjetivos e substantivos referem-se a nações: é o caso de “Martinica” (v. 27), “paraguaia” (v. 29), “Jamaica” (v. 29), “peruana” (v. 30) e “Índia” (v. 33). Assim, não há dúvida quanto à aproximação feita pelo poeta (prostitutas/nações). Uma coisa quer significar a outra.

Note-se que as nacionalidades aí são sempre do Terceiro Mundo (há ainda a “cubanita brasileira” do v. 4). Assim, subjaz a crítica do poeta a um certo imaginário do Primeiro Mundo, principalmente europeu, que tem a mulher dos trópicos mais como um elemento sensual, degustável.⁶⁴ Afinal, o “cliente” aludido é quem detém o poder (econômico) de *saborear* essa sensualidade à venda. Mas o mais importante é a metáfora que fica: o Terceiro Mundo é uma *prostituta* que alimenta o apetite do Primeiro Mundo. Esse apetite é de natureza sexual... e econômica. Uma coisa se liga a outra. Ter *potência* sexual, no caso, é ser potente economicamente.

É bastante significativo o fato de Chico Buarque, nesse trecho de “Las muchachas de Copacabana”, identificar as prostitutas com as nações do Terceiro Mundo. O poeta, desta forma, subverte o conceito que tradicionalmente nos é dado de nação – espaço onde vivem pessoas ligadas por laços históricos, econômicos e

64 Numa reportagem tratando de turismo sexual, colhemos essa declaração de um espanhol sobre a mulher brasileira: “Não existe parceira sexual, em todo o mundo, superior à brasileira. Em nenhum outro local do mundo, nem na Tailândia, encontrei mulheres que fossem tão meigas, tão carinhosas e tão fogosas quanto as brasileiras. Elas não disfarçam, vivem intensamente cada momento de amor”. Colhemos ainda essa outra declaração de um francês: “Quando eu ainda morava na França, ficava impressionado com a ênfase que se dava à mulher na *venda* turística do Rio. Logo depois, Tom & Vinícius compunham a célebre *Garota de Ipanema*, e compositores do mundo inteiro que vieram ao Rio participar dos festivais da canção, também criaram músicas, que viraram *hits*, onde a beleza e a sensualidade da carioca eram enaltecidas. E veio o sucesso das novelas brasileiras lá fora. E, como ainda não era o suficiente, por aqui surgiu a tanga, havia toda a sensualidade da mulata no carnaval. Eu não resisti e vim morar no Rio. Como eu, outros também foram seduzidos.” Cf. BATISTA, Tarlis. “Turismo sexual – no ranking do prazer, Rio, Ibiza e Bangcoc atraem um visitante muito especial: o *globe-trotter* do amor”. In: *Revista Manchete*. Rio de Janeiro: Bloch, 2(109): 42-46, 1992.

culturais. Conceito, aliás, *positivo* do termo – e mais potencializado pela ideologia dominante. O poeta subverte também a noção de sentimento patriótico, ligado, entre outras coisas, à idéia de prosperidade. Isto porque o seu conceito de nação, no caso, é *negativo*. Uma leitura possível é: as nações a que se refere (povos do Terceiro Mundo) levam uma vida... igual à das prostitutas.

Ao tratar da prostituta, Chico Buarque enfoca preferencialmente o olhar que a sociedade costuma lançar sobre o corpo dela, prostituta. É um olhar que, primordialmente, vê um objeto/valor-de-troca. Vê um corpo/mercadoria. Há, assim, toda uma semântica da *mercancia* com esse corpo, ainda no BLOCO 1. Atentemos:

Se o cliente quer rumbeira, tem

.....

Cubanita brasileira, tem

.....

Quer uma amazona, o gringo tem

.....

Se quer uma pecadora, tem

.....

Atração da Martinica, tem

.....

Paraguaia da Jamaica, tem

.....

Corcovado em Mar del Plata, tem...

.....

Índia canibal, na certa tem

São versos que, fundamentalmente, falam de uma *oferta* (além de, na sua ambigüidade, tratarem também, como ficou visto, da relação prostituta/nação). A oferta de um corpo/produto. Note-se aí a ocorrência do verbo “ter”, finalizando

todos os versos. Ouçamos, mesmo, o seu soar seco: “tem”, “tem”, “tem”... Esse verbo, no contexto, *ritmiza* a sugestão de anúncio publicitário que o conteúdo dos versos, cada um deles, expressa. O anúncio repetindo-se, repetindo-se, insistentemente, para nos chamar a atenção de uma mercadoria. E uma das máximas do “bom” vendedor, que esses versos/anúncios atestam, é aquela que diz que, se o cliente deseja qualquer produto, este, *a priori*, existe e em qualquer quantidade. Nos versos acima, o *produto* é noticiado, exatamente, na sua variedade... que é numerosa. O produto corpo. O produto prostituta.

Veja-se, ainda no BLOCO 1, o caráter de objetividade na descrição/apresentação do *produto*. É o mesmo que o vendedor “capaz” deve ter. Objetividade que, levando o vendedor ao conhecimento da procedência e durabilidade do produto que vende, leva-o ainda ao conhecimento do seu desempenho.

Vejamos agora o BLOCO 2, formado pela 3ª e 6ª estrofes da canção.

Nesse jogo de identidades, no jogo do que é falso e do que é verdadeiro, a prostituta/“muchacha” resguarda cuidadosamente a identidade do mundo “de fora” da prostituição, a identidade do mundo da casa/família. É esta a identidade tida por ela como “verdadeira”. A identidade/imagem de “filha” (indicada no verso “lembrança da filha”).

O poeta aqui remete a um problema presente na vida da prostituta. É o que diz respeito à dupla identidade que ela não raro é obrigada a assumir. Ou seja, a prostituta costuma adotar um nome “de guerra”, a ser utilizado no espaço de trabalho, diferente do nome “verdadeiro”, empregado nos demais ambientes, sobretudo no

familiar. O nome "de guerra" está ligado ao papel que ela representa no jogo de sedução do cliente. Mas, como lembra Carlos Versiani, expressa também o estigma da sociedade à sua condição de prostituta:

Sendo o nome *de guerra* um signo que simboliza a atividade da prostituta [...], é natural que fique circunscrito ao mundo *de dentro* [da prostituição]. Em seu ofício, a prostituta procura reduzir tensões, adotando esse nome *de guerra*, mas no mundo *de fora*, numa situação de *desagradável*, ela procura controlar informações cruciais a seu respeito, uma vez que percebe, claramente, as projeções estigmatizadoras sobre a identidade *estragada*.⁶⁵

Observemos a 3ª estrofe:

Mamãe,
Desculpa meus erro de caligrafia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

Quem é essa que "brilha" (v. 10) e é "estrela internacional" (v. 11)? Na verdade, alguém que é obrigado a *investir* o próprio corpo no mercado (internacional) do sexo. Brilho, estrela – o sentido aí é de luz, estar em evidência. É o mesmo o "brilho", a "evidência" de uma prostituta, se comparada a uma artista reconhecida, a uma verdadeira estrela internacional? Claro que não. É

65 Cf. ANJOS JR., Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983, pp. 85-86. Trata-se de um estudo sobre a prostituição em Fortaleza/CE.

de ironia que o poeta está se utilizando. Ironia a uma situação que a sociedade hostiliza, mas que, contraditoriamente, mantém. Subentende-se também, no caso, uma crítica à família como instituição mantenedora de fachadas socialmente aceitas. Isto pelo fato de, tanto na 3ª como na 6ª estrofes da canção, a filha justificar-se à mãe como alguém que vence na capital – mas que esconde a *forma* como consegue vencer. Esconde a identidade estigmatizada – a identidade de "muchacha"! A filha/prostituta nega a sua condição, vergando-se diante da ordem/moral familiar.

A 6ª estrofe é quase uma repetição da 3ª (as duas divergem apenas no 2º verso):

Mamãe,
Pro mês eu lhe mando umas economia
Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital
É uma estrela internacional
Tua filha na capital
É uma estrela internacional

O corpo dessa mulher, o corpo/produto, é que lhe proporcionará... "umas economia". O que de fato "brilha" é esse corpo. É ele a verdadeira "estrela internacional".

Como dizíamos, a diferença entre a 3ª e a 6ª estrofes está no 2º verso de cada. Dois versos que têm algo em comum. O fato de, nos dois, haver *erro* de concordância. Assim:

Desculpa meus erro de caligrafia
.....
Pro mês eu lhe mando umas economia

Aí, "meus erro" (v. 8) e "umas economia"

(v. 21) expressam mais um nível de marginalização da “muchacha”. No caso, a marginalização escolar. E esse *maltratar* a língua metaforiza os próprios maus-tratos que a prostituta sofre na sociedade.

Por outro lado, nas duas estrofes do BLOCO 2, há dois versos que revelam uma aguda percepção do poeta acerca do fenômeno da prostituição. São eles:

Lembrança da filha
Que brilha aqui na capital

É que a prostituta do interior, em muitos casos, ganha um outro espaço para assumir sua condição. Em muitos casos, ela *foge*, evade-se do meio familiar. Ela se sente envergonhada por *contaminar* moralmente a família com a sua atividade (que lhe é necessária para a sobrevivência). Daí, constantemente, a busca de cidades distantes, de centros mais desenvolvidos, ou de metrópoles. Diz a esse respeito Carlos Versiani:

A carência objetiva de trabalho nas pequenas cidades e no meio rural, a desqualificação profissional, a baixa ou nenhuma escolaridade, a ausência de perspectivas e também o fato da *perda da honra*, sumamente importante no interior [...], constituem fatores basilares que contribuem para o ingresso na chamada *vida fácil* pela necessidade de sobreviver [...]. Há mulheres que se tornam prostitutas ainda em seu lugar de origem, outras que se mudam para cidades pequenas mais ou menos distantes para escapar aos vexames ante os conhecidos e ainda outras

que vão direto para a capital [...] exercer a atividade prostituinte.⁴¹

Portanto, os dois versos acima dão conta da distância entre a prostituta e a família. Claro: não se trata apenas de uma distância geográfica (a filha na capital, a mãe no interior). Os dois versos, além disso, metaforizam a *distância moral* família x prostituta (família que, no seu seio, não aceita uma prostituta). E metaforizam ainda a migração no país. Os contingentes de “muchachas”/pobres que, deixando os seus parentes em cidades do interior, vão desandar nas calçadas das capitais/metrópoles.

No BLOCO 1, tínhamos aquilo que denominamos de versos/anúncios (“Se o cliente quer rumbeira, tem”... “Se quer uma pecadora, tem”... “Atração da Martinica, tem”, etc.). Agora, no BLOCO 2, temos estrofes/bilhetes. É que as duas estrofes que formam esse bloco, deu para perceber, vêm entre aspas. E sugerem, justamente, um bilhete (da filha, na capital, para a mãe, no interior). Daí ficar claro que a “muchacha” da canção se trata mesmo de uma migrante. É que o bilhete, a carta são, ainda agora, a forma mais barata de o migrante, na distância, se comunicar com a família. Na migração Nordeste-Sudeste do Brasil, pelo menos, ainda são muito utilizados.

Note-se ainda que os versos “Somos las muchachas de Copacabana” (BLOCO 1) e “Mamãe,/ Lembrança da filha/ Que brilha aqui na capital/ É uma estrela internacional/ Tua filha na capital” (BLOCO 2) são os únicos que se repetem em toda a canção. Esse dado de ritmo tem a sua importância. É que Chico Buarque é um

41 ANJOS JR., op. cit., p. 92.

poeta de uma ironia fina, mas também, em vários casos, de uma ironia direta, vertical. E, em grande parte de suas canções, os versos com uma maior carga irônica são os que se tornam refrão. Como exemplo, temos: "Pedro pedreiro penseiro esperando o trem" ("Pedro pedreiro" - 1965) - repetido 4 vezes na canção; "Apesar de você/ Amanhã há de ser/ Outro dia" ("Apesar de você" - 1970) - repetidos 4 vezes; "Todo dia ela faz tudo sempre igual" ("Cotidiano" - 1971) - repetido 2 vezes; "Deus lhe pague" ("Deus lhe pague" - 1971) - repetido 6 vezes; "Joga pedra na Geni" ("Geni e o zepelim" - 1978) - repetido 3 vezes; "Olha aí, é o meu guri" ("O meu guri" - 1981) - repetido 4 vezes, etc. Todos esses versos, tornados refrãos, pela força irônica que guardam, são de grande importância para o sentido total de cada uma das canções aí indicadas. Do mesmo modo, em "Las muchachas de Copacabana", os refrãos acima referidos, pelo seu alto teor irônico, ampliam fortemente o sentido de valor-de-troca em que se transforma o corpo da prostituta. Criam poderosas ressonâncias desse sentido.

Resumindo, em "Las muchachas de Copacabana" há dois blocos que se apresentam de forma diferente. Assim:

BLOCO 1 X BLOCO 2

versos/anúncios

estrofes/bilhetes

Aí, portanto, claramente uma tensão na forma. Tensão essa que reflete o conteúdo da canção. Afinal, o conteúdo expressa um conflito permanente da prostituta. O conflito "mundo de dentro" da prostituição x "mundo de fora" dela (mundo da família e dos conhecidos da prostituta).

Assim, o BLOCO 1 traduz o "mundo de dentro", e o BLOCO 2, o "mundo de fora". No BLOCO 1 residem os motivos mais importantes da canção: a transformação do corpo da prostituta em objeto/ produto, quando esta parte para as relações no "mundo de dentro", e a aproximação do sentido de prostituta ao de nação do Terceiro Mundo. No BLOCO 2 o poeta, ao tratar da distância geográfica mãe x filha, está metaforizando a *distância moral* família x prostituta. Metaforiza ainda a migração no país.

Para concluir: "Las muchachas de Copacabana", gravada por Ney Matogrosso, é uma rumba, ritmo afro-cubano. Para quem está denunciando o modo de viver das prostitutas/ nações do Terceiro Mundo, nada mais significativo do que escolher tal ritmo. O caráter alegre dele contrasta com o conteúdo veiculado pela letra. Conteúdo "amargo", pode-se dizer. Portanto, uma outra ironia de Chico Buarque.